

organização, numa estrutura hierarquicamente definida e estruturada, com necessidade de se informarem e formarem para, mais tarde, redigirem e publicarem as suas opiniões, sujeitando-as ao arbítrio público. Como afirmava também Giolitto (2000: 17), a “escola é o lugar privilegiado para o exercício de uma cidadania democrática”, sobretudo quando existe um “défice cívico das crianças e dos jovens portugueses”, existindo uma “necessidade de os despertar” – Fonseca (2001: 13) e “a aprendizagem da cidadania é um processo lento e trabalhoso”, idem (idem: 27).

Grande teórico da educação para os media e defensor da introdução dos media na escola, Jacques Gonnet (1995: 51) refere que a introdução da actualidade na escola é “um encontro entre o imaginário e a realidade do quotidiano, um espaço não apenas aceite pela escola mas um traço de união com o espaço privado da família”. Esta é uma das grandes vantagens da produção do jornal escolar pois constitui um espaço de trabalho extra-curricular, onde o trabalho em equipa é essencial.

Por outro lado promove o exercício da cidadania, integra uma componente importantíssima de estímulo à leitura e à escrita e assume-se como uma plataforma de ligação entre o espaço público da escola e o espaço privado da família, tantas vezes afastada da realidade escolar e do enquadramento dos seus filhos na escola.

A publicação de um jornal numa escola implica o envolvimento de muitos elementos da comunidade educativa, desde os professores aos alunos, passando pelos auxiliares e outros elementos exteriores à escola. Neste contexto, e tendo em conta o espaço de tempo alargado que medeia entre cada edição – normalmente três meses – é natural que o material publicável exceda o espaço disponível, necessitando de uma selecção. Esta foi, desde há muitos anos, uma matéria de estudo no jornalismo e cremos que também o deverá ser no jornalismo escolar.

Os objectivos que nos propomos atingir com o presente trabalho são os seguintes:

- Conhecer a realidade organizacional dos jornais escolares portugueses;
- Identificar e caracterizar os actores que participam na produção dos jornais escolares;
- Estudar a potencialidade dos jornais escolares como veículo de inovação, dinamização e motivação do espaço escolar;
- Identificar os critérios, processos e valores que estão na base da selecção das notícias e textos a publicar nos jornais escolares;
- Reconhecer os jornais escolares como “ateliers” de educação para a cidadania e como eixos de uma cultura comunicacional das escolas.

Para atingir estes objectivos utilizamos a metodologia de “estudo de caso múltiplo”, procurando estudar os jornais escolares no seu contexto, a escola. Para tal, percorremos o país à procura da prática do jornalismo escolar e da sua estrutura organizativa. Conhecemos nove publicações, todas premiadas no único concurso de jornais escolares de cariz nacional, actualmente existente em Portugal. Tentamos entender e mostrar as razões do seu sucesso, as boas práticas que tentaremos ajudar a partilhar com todos aqueles – professores, alunos e outros membros da comunidade educativa, e são milhares, que todos os anos, com enorme dedicação e sacrifício colocam nas bancas verdadeiros milagres jornalísticos, constituindo a prova mais evidente da enorme mais valia que um jornal significa para os alunos e para a escola.

2. De órgão informativo e opinativo a recurso pedagógico: mais de um século de produção de jornais na escola

Não é fácil estudar, com elevada precisão, o passado do jornal escolar. Trata-se de uma publicação com características muito particulares que limitam o seu próprio estudo. Algumas destas limitações já haviam sido referidas por Jacques Gonnet (2001:97). Em primeiro lugar porque, normalmente, têm uma existência fugaz e, em muitos casos, funcionam como publicações

“clandestinas” pois, normalmente, não cumprem as regras a que se submetem outros media escritos já que, frequentemente, nem sequer existem registos ou depósitos nas próprias bibliotecas e escolas onde são publicados. Por outro lado, a sua tiragem é limitada e a sua difusão perfeitamente localizada na própria escola ou, no melhor dos casos, na comunidade, não são guardados, usados e o seu destino é, frequentemente, o lixo, a reciclagem ou qualquer outra função doméstica. Mesmo quando são guardados, não são devidamente conservados, constituindo-se vítimas da primeira “arrumação geral”.

Jacques Gonnet refere que “desde Freinet os jornais escolares passaram a fazer parte integrante da paisagem pedagógica francesa” e que “a partir desta época os jornais escolares e liceais desenvolveram-se em grande escala” (2001: 97). De acordo com Célestin Freinet (1974: 17) “sempre houve jornais escolares, mais ou menos clandestinos, nos quais os alunos davam livre curso, se não à sua expressão espontânea, pelo menos aos seus ressentimentos contra as limitações e a autoridade da escola”. Esta afirmação sublinha a existência de jornais nas escolas muito antes do primeiro jornal escolar lançado por Freinet, nos anos vinte do século passado. Só que estes não eram, de acordo com aquele pedagogo francês, verdadeiros jornais escolares. “Eram mais precisamente anti escolares” (1974: 18) pois não poderiam nunca enquadrar-se num método pedagógico como o seu, que viria a ganhar grande expressão dentro da escola.

Determinar quando surgiu o primeiro projecto, mais ou menos consciente, de jornalismo escolar é muito difícil. Em concreto, apenas existem relatos, mais ou menos consistentes, de acontecimentos diversos. Pierre Roudy (1996: 10) refere que “raros são os educadores que sabem que em 1718 foi colocado junto do jovem Louis XV, então com 8 anos de idade, um tipógrafo chamado Jacques Collombat para o ensinar a descobrir, manejar, brincar com as palavras e os segredos da sua língua”. Mais à frente, adianta que “em 1726 Charles Rollin, no seu “*Traité des Études ou de la manière d’enseigner e d’étudier des belles lettres*”, refere um “*bureau typographique*” criado por um tal M. de Mas, onde a criança manejava as letras e as palavras. Foram, certamente, iniciativas esporádicas, que pouco ou mesmo nada têm a ver com o jornal, mas que indiciam uma preocupação e o reconhecimento das potencialidades da utilização de técnicas de imprensa na escola.

O jornal escolar não nasceu com a escola mas, obviamente, nasceu na escola. É um fenómeno mais recente do que esta, marcando a segunda década do séc. XX o seu desenvolvimento e estabelecimento definitivo, enquanto instrumento, meio de promoção e de desenvolvimento da aprendizagem. Foi um suporte pedagógico, um meio usado sobretudo para a motivação para a aprendizagem da leitura e da escrita. O jornal tornou-se também um veículo de promoção da escola, levando até à comunidade o trabalho de professores e alunos, ajudando as instituições e, sobretudo, os pais, a acompanharem mais de perto as actividades escolares dos seus educandos, utilizando técnicas pedagógicas inovadoras, que alteraram significativamente o trabalho na sala de aula e a relação professor/aluno.

Antes de Freinet, não são conhecidos outros jornais escolares tal como este os definiu, embora fossem frequentes as edições de jornais em escolas, ora pela mão de professores ora pela mão de estudantes, sobretudo dos estudos liceais ou superiores que, muitas vezes, em períodos de férias escolares, editavam pequenos jornais de cariz literário, satírico ou de intervenção local. No entanto, alguns exemplos de jornais produzidos em escolas iniciais são conhecidos e podem ser considerados como os precursores da imprensa escolar. Foram as reflexões de John Dewey, Paul Robin, Janus Korczak, Ovide Decroly, Célestin Freinet, Maria Montessori e Rudolf Steiner, entre outros, que permitiram imprimir uma perspectiva pedagógica ao processo de produção do jornal escolar.

Nascido em 1896, Freinet (1896-1966), conhecido por ser um dos grandes impulsionadores do jornal escolar em França já que, em 1925, quando exercia funções na escola de Bar-sur-Loup da

região dos Alpes Marítimos, lançou o primeiro jornal, cujos elementos fundamentais eram o texto livre para o conteúdo e a imprensa escolar para a tiragem ou produção. O pedagogo francês congregou ideias e promoveu a inovação pedagógica. Conhecedor dos trabalhos de Dewey, homenageou os de Decroly. Foi ele que promoveu a mudança na relação professor/aluno a partir da tipografia e do jornal. De acordo com Michel Barré (1996: 7), “Freinet pretendia romper com a pedagogia dogmática que conheceu na sua juventude, criando uma forma de trabalho ligada à vida das crianças, à da sua família e à do meio em que estão inseridas”. O método era da maior simplicidade, e consistia na elaboração diária de textos livres e sua posterior compilação no final do mês.

Até aos anos 70, foram muitos milhares os jornais escolares produzidos de acordo com o método Freinet, regularmente editados em França e noutros países. Muitos deles ainda continuam a ter vida nas diversas escolas e salas de aula que laboram à luz do seu método. O grande contributo de Freinet para a história do jornal escolar “foi a conceptualização do produto e o estatuto pedagógico singular que deu a esse instrumento (Barre, 1996: 7). O jornal Freinet, tal como nos é apresentado, é um bom exemplo de jornal de turma, circunscrito a um grupo reduzido de alunos, difícil de implementar numa escola, sobretudo se a sua dimensão for considerável.

Portugal não passou ao lado de todo o movimento de produção de jornais escolares, que desde a Bélgica e França se estendeu a toda a Europa, disseminado sobretudo pelo Movimento da Escola Moderna de Freinet. Com a pedagogia Freinet, com outra, ou com os seus próprios projectos, as escolas portuguesas integraram gradualmente o jornal escolar no seu quotidiano, assistindo-se, nos finais da década de setenta e, sobretudo, na de oitenta a uma expansão alargada da ideia e da prática de publicação de órgãos informativos nas escolas. Hoje, esta realidade está perfeitamente instituída e assimilada em todo o país, sendo poucos os estabelecimentos ou agrupamentos de escolas que não publicam o “seu” jornal ou não mantêm o seu site informativo na internet.

Não é, no entanto, difícil encontrar jornais escolares, ou melhor, jornais de estudantes no séc. XIX, em Portugal. O registo mais antigo de que temos conhecimento é o do jornal “A Mocidade”, um “quinzenário académico” publicado, em Ponta Delgada, em 1825 (Nóvoa, 2005).

O aumento de títulos de jornais escolares em Portugal é mais notado na segunda metade do séc. XX, com a adesão de escolas de diversas tipologias e graus de ensino a esta iniciativa. Deixaram de ser apenas as escolas de nível médio e superior a avançarem com a publicação de jornais escolares, passando também as escolas iniciais a fazê-lo muito influenciadas, seguramente, pela pedagogia Freinet e o seu jornal escolar. Tal facto é referenciado por Victor Pinho, referindo-se ao período posterior à II Guerra Mundial (1992: 5): “De realçar aqui, pelo papel pedagógico e consequências profissionais futuras, o incremento e implantação que começam a ter os jornais escolares. Já não são apenas as escolas de nível médio que publicam os seus órgãos informativos, mas é com enorme satisfação que os vemos nos jardins-de-infância e escolas do 1º, 2º e 3º ciclos”. Gonnet (1988: 70) também sublinha este facto, ao referir que “a emergência em grande escala dos jornais, produzidos por alunos parece ter sido um fenómeno recente, entre os anos 60 e 70, na maior parte dos países europeus”. Este facto é também comprovado por alguns textos insertos em jornais escolares da época e em pequenas notas encontradas na imprensa local.

O 25 de Abril de 1974 surgiu num momento em que a dinâmica de publicação de jornais escolares estava em acentuado crescendo. Consequência da revolução, notou-se uma retracção nos registos ou referências ao surgimento de novos títulos e verificou-se suspensão de alguns dos existentes. No entanto, animados pelos ventos da liberdade, alunos, professores e escolas avançaram, podemos mesmo dizer, em força para o jornalismo escolar, com o aparecimento de variados títulos, mesmo mais do que um na mesma escola, defendendo sectores e ideias diferentes, entre os quais destacamos diversos títulos da responsabilidade exclusiva de alunos. Esta dinâmica foi fortemente consolidada na década de oitenta do séc. XX, com o surgimento de novas iniciativas. A

década de noventa foi marcada pela modernização tecnológica de muitas escolas, com a banalização da fotocopiadora e a introdução dos meios informáticos, constatação reforçada por Peek et Newby (1996: 4-5), quando referem que “o desenvolvimento da tecnologia transformou radicalmente o conceito de comunicação na escola, designadamente do jornal escolar”. As fotocópias foram um recurso que muito ajudou e continua a ajudar na produção de jornais, devido à facilidade e qualidade na reprodução dos originais, o computador veio facilitar a composição e o arranjo gráfico, ao mesmo tempo que baixou os custos. Estes recursos tecnológicos conduziram, com naturalidade, à expansão do número de títulos e à diversificação da forma de organização do jornal, tornando também mais acessível aos alunos a participação noutras fases da sua produção: expandiram-se ou surgiram os jornais de turma, os jornais das associações de estudantes, os jornais de disciplina e, naturalmente, muitos jornais de escola, de todos os níveis de ensino.

Desde o início do séc. XX os jornais escolares ocuparam, gradualmente, uma parte importante do quotidiano escolar, sob as mais diversas formas e orientações: desde o jornal repositório de trabalhos dos alunos, até ao jornal institucional com colaboração de alunos, passando pelos jornais integralmente produzidos e editados por estes, longe da supervisão de professores ou dos órgãos directivos das escolas. O que hoje importa destacar é a dinâmica destes projectos e, em muitos casos, a dinâmica que estes projectos imprimem às escolas onde são produzidos e à própria comunidade em que a escola está integrada.

3. Uma ferramenta do passado, valorizada no presente e com um largo futuro à sua frente

Uma escola viva, interventora, atenta e que pretende andar a par com a comunidade, com o país e com o mundo, tem nos media um instrumento fundamental para o sucesso da sua missão.

Um dos recursos que melhor e com mais eficácia cruza os media com a escola é o jornal escolar, capaz de interpretar a organização escolar, as suas rotinas, virtudes e defeitos, o sentir de alunos, professores e demais elementos da comunidade educativa, o pulsar do dia a dia lectivo e extra-escolar, mas também capaz de fornecer experiências significativas aos alunos como um meio de comunicação social, ajudando a entender o seu modo de funcionamento, colocando-os na pele de jornalistas, redactores, editores, gráficos, designers, agentes de publicidade e distribuidores, um tipo de aprendizagem sempre valorizada, aconselhada e reconhecida como a mais proveitosa para as crianças e jovens: aprender através da prática, aprender fazendo.

Aproxima alunos de professores, ultrapassando e abolindo barreiras, construindo um novo paradigma de relacionamento, promovendo e desenvolvendo a aprendizagem, a investigação, a leitura e a escrita, o contacto e o estreitamento de laços entre a escola e a comunidade. É também um espaço de formação e exercício da cidadania, uma cidadania activa e empreendedora, que ajuda a crescer os alunos, capacitando-os para uma adesão plena à sociedade de onde emergem, escrevendo para terceiros, discutindo e partilhando opiniões, trabalhando em equipa, potenciando as virtudes e capacidades individuais, arrastando para a escola os problemas, as preocupações e a discussão dos grandes temas da comunidade, do país e do mundo, levando também para outros contextos as angústias, os problemas e o que de bom se faz nas escolas.

O jornal escolar é um bom veículo para transformar a escola, acabando com práticas rotineiras e maçadoras, dinamizando e dando vida ao espaço escolar, assumindo um papel central na vida da organização, aproximando a escola de um laboratório de testes da sociedade em que está inserida, onde é possível formar cidadãos capazes e preparados para a transformar e fazer evoluir.

Por jornal escolar entendemos o meio de comunicação escrito, editado no contexto de uma organização escolar, produzido pelos seus diversos protagonistas, com uma participação forte e empenhada de alunos e professores, integrado num projecto pedagógico e destinado a informar a

escola e a comunidade sobre a vida do estabelecimento de ensino, promovendo a aprendizagem, integração e fomento do sentido de pertença dos alunos.

No passado os jornais eram muito vulgares em todas as escolas de todos os níveis de ensino e mesmo nas escolas isoladas, com um só professor, tendo pois no 1º Ciclo do Ensino Básico um importante dinamizador. Hoje em dia, são os agrupamentos de escolas que assumem a publicação do jornal escolar, normalmente não há mais do que um em cada, que passam a integrar a informação e a colaboração dos alunos dos diferentes níveis de ensino e das escolas que compõem a organização escolar, constituindo o jornal um elo que une, interliga, e promove a comunicação entre escolas, muitas vezes geograficamente afastadas.

Trata-se de uma nova configuração, onde o Primeiro Ciclo do Ensino Básico e o Pré-escolar ficaram, de certa forma, condicionados mas que traz novos e grandes desafios às escolas. Paradoxalmente, estas transformações levaram o jornal escolar e o jornalismo escolar a praticamente todas as escolas e alunos do país, porque muito poucos são hoje os agrupamentos que não publicam o seu.

Onde normalmente divergem os jornais escolares é nos objectivos que presidiram ao projecto e à sua publicação. Contamos algumas dezenas, todos eles diferentes mas todos pertinentes no contexto da escola, da sua dinamização e promoção ou junto dos alunos, desenvolvendo-lhes capacidades, ajudando-os a progredirem na aprendizagem e apoiando a sua inserção social e conhecimento dos meios de comunicação. Se um jornal escolar pode conduzir a um tão alargado cumprimento de objectivos, e estamos certos dessa possibilidade, então estamos na presença de uma ferramenta poderosa que pode, e deve, ser utilizada nas escolas.

Os jornais escolares não são todos iguais. Diferem, entre outros factores, nos seus objectivos, no formato, no design, na periodicidade, na constituição das equipas, na coordenação ou na metodologia de organização interna. Mas, que traços fundamentais podem ajudar a tipificar os jornais escolares portugueses?

Depois de uma análise atenta de muitos títulos da imprensa escolar nacional e à luz das tipificações propostas por alguns estudiosos citados no presente estudo, construímos e propomos a seguinte listagem de categorias:

Jornal de escola ou de agrupamento – Institucional, da iniciativa do órgão executivo, coordenado por professores que constituem equipa com docentes, alunos e, por vezes, outros elementos da escola ou da comunidade;

Jornal de Turma ou de Clube – Surgem, normalmente, no contexto da Área de Projecto, de uma disciplina, de um clube de jornalismo ou de outro clube escolar, constituindo o seu produto final ou o elemento concretizador dos objectivos formulados. Coordenado por um ou mais professores que têm na turma, ou elementos de um clube, a redacção do periódico.

Jornal de alunos – Projectados, coordenados e produzidos por alunos, surgem para dar expressão a uma vocação jornalística ou de alguma outra área (música, cinema, banda desenhada, informática...). Um bom exemplo dos jornais de iniciativa de alunos é o "fanzine".

Uns mais, outros menos, todos têm objectivos de cariz pedagógico e conseguem, com maior ou menor facilidade, com maior ou menor eficácia, envolver os alunos e apoiá-los no seu desenvolvimento escolar e pessoal.

O jornal que melhor serve a escola, designadamente os alunos, é aquele que consegue envolver activamente, em todas as fases e momentos do processo, o maior número de alunos, dando-lhes voz e atribuindo-lhes responsabilidades, que constitua um espaço de promoção dos seus anseios ou de resolução das suas preocupações, que se assuma como um defensor e promotor da escola, acompanhando e ajudando a comunidade a acompanhar a sua actividade, que se assuma

como a necessária ponte entre a escola e a comunidade e que potencie o acompanhamento da actualidade dentro da escola e da sala de aula. Por fim, que seja também um verdadeiro jornal, organizado e produzido como tal, escrito com correcção e utilizando os diversos géneros jornalísticos.

O jornal escolar é um tónico que a escola tem ao seu dispor, para combater a rotina diária, para envolver os alunos em projectos significativos, capazes de desenvolverem competências diversas, mas também indicados para dinamizarem a vida escolar, tornando a escola o centro de todas as atenções, tanto daqueles que a frequentam como daqueles que vivem e trabalham na sua periferia. Apesar de constituir um elemento importante, o produto final não é em termos pedagógicos o mais importante, sendo mesmo secundário relativamente ao processo, que deve ser rico, participado e envolvente.

O produto final é a expressão de um trabalho individual e colectivo, do envolvimento e empenho de um número alargado de agentes, durante o qual existiram avanços e recuos, mas sobretudo aprendizagem, crescimento e valorização humana. Estamos convencidos que, um dia que esperamos não muito longínquo, a educação e a formação cívica terão nos media o elemento central do seu alinhamento programático, pois significam e contêm tudo o que é necessário para que o cidadão esteja informado e possa intervir no sentido de ajudar a mudar, para melhor, a sua comunidade e o seu país.

Conhecer um jornal por dentro, trabalhar e agir como o fazem os jornalistas é uma experiência altamente enriquecedora e capaz de gerar múltiplas aprendizagens.

A utilidade do jornal escolar para outras áreas de cariz disciplinar e não disciplinar é também óbvia. Recordamos, por exemplo, a área de Estudo Acompanhado onde o apoio da actualidade pode ser decisivo, da Área de Projecto onde a publicação é um aspecto sempre estruturante, as Ciências, as Línguas, a História e mesmo a Matemática, que aí podem encontrar novos motivos de interesse, espaço para publicação e publicitação e motivação para os alunos.

O Projecto Educativo e o Plano de Actividades de qualquer escola ou agrupamento serão muito enriquecidos com o jornal escolar. Este pode ser um veículo de exercício e promoção da cidadania na escola, depois de muito tempo em que a prática e a aprendizagem da cidadania estiveram afastadas ou pouco presentes, pois tratava-se de um espaço muito directivo e uni-direccional.

Hoje é dado um grande relevo à participação e intervenção dos alunos na vida escolar, preparando-os para, no presente e no futuro, serem cidadãos activos e críticos no contexto da sua comunidade, do seu país ou no espaço internacional em que este se insere. Assim, o jornal escolar é um instrumento, um veículo de inestimável valor para a escola.

Para que seja possível sistematizar a informação e conhecer o universo dos jornais escolares nacionais, é importante que tenham um enquadramento legal mínimo e sejam sujeitos a algumas regras elementares. Não que tenham um estatuto especial, distinto do de outras publicações, mas que tenham pelo menos obrigações semelhantes, procurando, desta forma, uma legitimidade acrescida nas escolas e respectivas comunidades, para que não sobrevivam numa clandestinidade consentida, que impede mesmo que a sua memória e a da escola possam perdurar.

Os jornais escolares devem ter a obrigação do depósito legal, nas bibliotecas de referência, mas também na biblioteca escolar e biblioteca municipal respectivas e na biblioteca do Ministério da Educação, que deveria constituir uma base de dados sempre actualizada dos jornais que se publicam nas escolas sob a sua alçada.

Ao Ministério da Educação deve caber também a iniciativa de publicar um normativo que enquadre a iniciativa do jornal escolar no contexto da escola ou agrupamento, com direitos e deveres, disponibilizando meios materiais e, sobretudo, humanos com tempos atribuídos que possibilitem um acompanhamento eficaz das edições impressa e on-line.

As edições on-line podem vir a ser o futuro da imprensa escolar, embora em alguns estabelecimentos sejam já o presente. Tendencialmente, aparecerão cada vez mais edições de jornais escolares na Internet, existindo já alguns espaços informativos das escolas exclusivamente publicados na grande rede.

É importante que existam edições de jornais, rádios ou até televisões escolares on-line, pois chegam a um público-alvo específico que está muito além dos muros da escola e da comunidade. Mas ainda não são auto-suficientes no seu alcance e devem, por isso, ser acompanhadas por edições em papel, mais democráticas no acesso e capazes de chegar a destinos mais multifacetados.

Sobre os resultados do estudo de caso múltiplo que empreendemos junto de nove jornais escolares nacionais, chegamos a algumas conclusões que, certamente, nos ajudarão a conhecer melhor esta realidade e a traçar algumas linhas orientadoras, que permitirão produzir jornais cada vez melhores e capazes de melhor atingir os seus objectivos:

1. Estamos perante jornais escolares, cuja iniciativa de publicação pertence à direcção executiva da escola ou a professores, que têm um papel central e em alguns casos preponderante, na planificação e organização da publicação sendo os alunos convidados ou motivados a participarem no projecto através destes. Em alternativa, surgem situações em que o grosso do trabalho está centrado numa turma ou num clube, o de Jornalismo ou outro, onde as responsabilidades e intervenção dos alunos são mais alargadas.
2. O grande objectivo dos jornais escolares portugueses é a constituição de um veículo de comunicação entre a escola e a comunidade, promovendo junto desta as suas virtudes. No contexto organizativo implementado em Portugal, sob a forma de agrupamentos de escolas, começaram a surgir jornais escolares nos diversos agrupamentos, constituindo um veículo de comunicação e coesão entre todos os estabelecimentos de ensino que os compõem. No campo pedagógico, são objectivos das publicações a promoção de actividades inovadoras e motivadoras para os alunos, o incentivo à investigação, a promoção do espírito crítico, o incentivo da leitura e da escrita, entre outros.
3. A actualidade é a essência de um jornal, sendo-o também do jornal escolar. Contudo, o tratamento da actualidade é efectuado de uma forma pouco alargada ou variada. Fundamentalmente é tratada a actualidade escolar, sendo pouco abordada a actualidade do meio envolvente da escola, apenas canalizada através de textos de opinião ou temáticos, da responsabilidade de elementos externos à escola. Por outro lado, a actualidade nacional ou internacional é abordada de uma forma tímida e esporádica, sendo mais notada quando existem acontecimentos marcantes e que tiveram um tratamento aprofundado pelos media.
4. O desenvolvimento do espírito crítico dos alunos que colaboram com o jornal escolar não é muito evidente nos textos publicados, normalmente muito factuais e pouco propensos a problematizarem a vida da escola aquilo que a envolve. A assunção das publicações como órgãos promocionais da escola e a forma como são organizadas, muito centradas no professor e próximas do órgão executivo, inibe o posicionamento crítico, apenas sentido de uma forma ténue nos jornais do ensino secundário, em artigos de opinião.
5. Os jornais são, geralmente, coordenados por professores, nomeados ou convidados para tal função pelo órgão executivo da escola ou agrupamento. A intervenção dos alunos é limitada, à partida, por esta situação porque, geralmente, não atingem uma posição com maior responsabilidade. Os alunos são ouvidos, mas raramente decidem. A coordenação é normalmente entregue a professores com conhecimentos na área do jornalismo, de Português e, em menor escala, a professores de outras disciplinas ou mesmo a elementos do órgão executivo da escola. A capacidade, empenho, criatividade, a capacidade de

mobilização e envolvimento dos alunos, de trabalho e a dedicação são elementos estruturantes para o sucesso e qualidade do jornal escolar. O papel dos alunos é, em muitos casos, o de produtores de materiais para a publicação, sejam eles textos, desenhos ou fotografias. Apesar de poder ser redutor, esta é uma das funções mais ricas e importantes do processo produtivo do jornal, pois apela ao desenvolvimento da leitura e da escrita, à capacidade de síntese, clareza e objectividade e desenvolve o espírito crítico e os instrumentos de investigação.

6. Para a gestão das escolas, um dos grandes objectivos da publicação do jornal, em muitos casos o primeiro, é a promoção da escola junto da comunidade. A metodologia utilizada é a valorização do trabalho dos alunos, ou a motivação para uma intervenção alargada no jornal, como via para promover a escola no exterior.
7. Aspecto do maior relevo para o sucesso ou fracasso do jornal escolar é o modelo de coordenação da equipa redactorial e a articulação entre esta e toda a comunidade educativa, onde estão os potenciais colaboradores. As soluções implementadas são diversas, diferindo bastante entre os diversos ciclos de ensino. Podem, no entanto, ser condensadas em algumas categorias, a saber:
 - a) Directiva, com a coordenação concentrada numa ou duas pessoas e uma participação secundária dos alunos; A articulação com os outros docentes, é efectuada em conselhos de docentes ordinários ou conselhos de turma, sendo definidos os conteúdos, regras, prazos e rotinas a implementar. Os trabalhos realizados são entregues à coordenadora que faz depois a selecção final e trabalha ou acompanha a composição gráfica. A maior ou menor intervenção da coordenação, ditará o nível de participação dos restantes elementos da comunidade;
 - b) Repartida, com a responsabilidade a ser distribuída por todos os professores titulares de turma, a quem cabe a responsabilidade de produzir uma parte do jornal. Os temas e assuntos a abordar são definidos previamente pelos coordenadores. O trabalho dos alunos é específico, respeitando os assuntos definidos para cada página;
 - c) Democrática, com coordenação de professores, mas integrando na equipa responsável alunos, a quem cabe o trabalho de cobertura dos acontecimentos ocorridos na escola. Outros elementos da comunidade educativa colaboram no jornal, por solicitação da equipa responsável. Outra variante é a equipa redactorial ser constituída por professores (que a coordenam) e uma turma que constitui a redacção;
 - d) Rede, comum em agrupamentos verticais de escolas mas também em escolas de grandes dimensões, em que é definida uma equipa redactorial de professores que assume a planificação das edições, sendo depois o seu plano comunicado aos docentes do agrupamento que, então, procuram motivar os seus alunos a participarem no jornal. Os trabalhos são depois remetidos à coordenação que se encarrega de compilar, seleccionar, compor e finalizar o jornal. Quer funcionem num modelo em Rede, Democrático, Repartido ou Directivo, não foi possível estabelecer uma associação entre a tipologia adoptada e a qualidade do jornal, estando esta mais associada à qualidade, empenho, dedicação e conhecimentos da equipa coordenadora. Verificou-se, isso sim, que os modelos mais directivos são mais comuns no 1º Ciclo do Ensino Básico, a que não será alheia a idade dos alunos. O funcionamento tipo Rede é o mais vulgar no ensino Secundário.
8. A participação de elementos da comunidade envolvente à escola não é muito alargada nos jornais escolares. Esta constatação constitui um paradoxo, já que pretendendo a escola promover-se junto da comunidade com o jornal, não consegue obter uma imagem sua a

partir dessa mesma comunidade, pela via da participação de diversas pessoas, personalidades ou mesmo antigos alunos. Quando a colaboração externa existe, ela é esporádica e demasiado técnica. Apesar de algumas escolas, pura e simplesmente a vetarem, a publicidade é uma das vias mais comuns e eficazes de participação da escola no jornal e até na sua dinâmica interna. Finalmente, quando concluído, lá vai o jornal ao encontro dos pais e encarregados de educação, instituições e população em geral, quase sempre vendido, gerando receitas que ajudam a amortizar os seus custos e até angariar fundos para a própria escola.

9. É notória uma grande atenção à qualidade, correcção ortográfica e sintáctica dos textos insertos no jornal escolar. A preocupação com o texto de cariz jornalístico é que não é tão evidente, crescendo à medida que avançam os ciclos de ensino, onde é mais fácil promover os géneros jornalísticos e as suas técnicas, diversificando-os. A elaboração de uma agenda dos assuntos a abordar ainda é um expediente pouco utilizado, sobretudo nos ciclos de ensino inferiores.
10. O jornal escolar não necessita de um espaço próprio para poder funcionar com eficácia e qualidade. A existência de um espaço próprio pode mesmo ser redutora, impedindo uma participação alargada e descomplexada de todos os alunos e outros elementos da comunidade. O local mais ajustado à realidade do jornal, tendo em conta as suas características, meios técnicos disponíveis, facilidade de acesso à informação e ambiente de trabalho, é a biblioteca escolar, recurso existente em praticamente todas as escolas e que pode ter nos seus responsáveis bons auxiliares da coordenação, senão mesmo elementos daquela estrutura. Ao nível do material necessário, embora ele esteja quase todo na biblioteca, justifica-se a existência de um computador com boas características para a composição, paginação e trabalho gráfico e uma impressora a cores de formato A3. Por outro lado, são meios técnicos essenciais para o jornal, mini-gravadores e máquinas fotográficas, sempre disponíveis e prontas a usar.
11. Embora seja entendimento praticamente unânime que a imagem é um elemento central e fundamental na publicação, na prática existem diversos níveis de interpretação. Existem publicações onde a imagem é o centro e fala por si só, outras onde constitui um complemento ao texto e outras onde assume um papel secundário. Sendo o aspecto gráfico do jornal um elemento central para a venda do “produto” e para a aceitação dos destinatários, as publicações melhor trabalhadas graficamente e inovadoras nesta área têm mais potencial do que as restantes.
12. Os grandes destinatários do jornal escolar são os alunos e toda a comunidade escolar, assim com toda a comunidade envolvente da escola. Só em casos bastante localizados e extraordinários é que este raio de acção pode ser ultrapassado. No entanto, a tiragem e a estratégia de distribuição impedem muitas vezes o jornal de chegar a todo o universo de potenciais destinatários.
13. Um jornal não deve ser uma “manta de retalhos” onde tudo cabe, esticando ou encolhendo ao sabor da quantidade de textos para publicação. Mas tal acontece com alguns jornais portugueses, embora pareça que a maioria optam por seleccionar conteúdos e publicar os melhores ou os que mais se ajustam à planificação do número em questão. Sobretudo os jornais impressos têm um número de páginas pré-definido, sendo mais corrente nos fotocopiados alargar o número de páginas em função do material disponível. Os critérios mais comuns, na hora de seleccionar as notícias, são a abrangência dos textos, das notícias e dos autores, a qualidade, a dimensão, a existência de fotografia ou ilustração, a

correspondência com a agenda previamente definida, a pertinência do assunto abordado, a actualidade e a adequação ao Projecto Educativo de Escola;

14. Os jornais escolares são, na sua esmagadora maioria, da iniciativa da escola ou agrupamento de escolas, estando a eles intrinsecamente associado o órgão de gestão. Apesar da maioria dos coordenadores referirem que não existe qualquer intervenção do órgão de gestão no processo produtivo do jornal, a não ser em casos e momentos pontuais, como a revisão final de provas ou do plano para a edição seguinte, a influência deste como órgão tutelar do estabelecimento de ensino e, conseqüentemente do jornal, faz-se sentir no tipo de textos produzidos que, regra geral, nunca são críticos ou menos correctos para com a escola. É no momento da selecção das notícias onde se criam condições para que o jornal escolar seja um meio para a promoção da escola no seu exterior. Não é muito comum em Portugal surgirem iniciativas de alunos, que podem dar um carácter plural à escola, permitindo que surjam perspectivas diferentes sobre essa realidade.
15. Para que o jornal escolar produza efeitos ao nível da promoção e do exercício da cidadania, sobretudo na equipa que o produz ou nele colabora, é necessário que esta seja o mais alargada possível e que exista consciência dos objectivos com que está a ser elaborado um texto ou produzido um trabalho. Constatou-se que, sobretudo no 1º Ciclo do Ensino Básico, há alunos que não têm consciência de que o trabalho que estão a realizar é para ser publicado no jornal da escola ou agrupamento. Este facto subtrai uma das grandes virtualidades do jornal escolar: a promoção e exercício da cidadania. A organização interna do jornal, o fluxo da informação, a motivação dos alunos são fundamentais para que exista um aproveitamento pleno das suas potencialidades. É aconselhável uma grande implicação dos coordenadores e de todos os professores, para que todos os alunos da escola conheçam a agenda do jornal, a forma de nele colaborarem, a quem se devem dirigir para entregar o trabalho ou tirar dúvidas e, sobretudo, para os motivar. Se um jornal não conseguir envolver um elevado número de alunos e professores, não tiver impacto e não for lido pela esmagadora maioria da comunidade escolar, não terá atingido plenamente os seus desígnios, sobretudo no que diz respeito à promoção e exercício da cidadania.
16. A tiragem do jornal deve estar de acordo com o público-alvo, pois são muitos aqueles que têm tiragens inferiores ao número de alunos da escola ou agrupamento. Não está a cumprir os seus objectivos, pois não faculta a todos a oportunidade de acederem à publicação, dando-se à estampa um jornal só para afirmar, junto da comunidade, que ele existe na escola. Apesar de todos os aspectos aqui descritos, os jornais escolares, em níveis diferentes, têm impacto junto da comunidade educativa, embora tenham maior impacto quanto mais pequena for esta. Aparentemente, as escolas que conseguem obter um impacto maior são as do 1º Ciclo do Ensino Básico, por trabalharem num universo mais reduzido, encontrando-se no pólo oposto às do Ensino Secundário. A nova realidade dos agrupamentos de escolas, com toda a certeza baralhará esta perspectiva.

4. Bibliografia

- Agnés, J. & Savino, J. (1988). « Apprendre avec la Presse ». Paris: Editions Retz.
- Aguaded Gómez, José I; Dir. (1994). “Como enseñar y aprender la actualidad?”. Congreso Nacional de Prensa y Educación. Huelva: Grupo Pedagógico “Prensa y Educación”.
- Aguaded Gómez, José I. (2001). “La Educación en Médios de Comunicación. Panorama e Perspectivas”. Murcia: Editorial KR.

- Barré, M. (Presentation) (1996). « Avec les élèves de Célestin Freinet ». Nancy : Institut National de Recherche Pédagogique.
- Bernabeu, N. (1994). "Tratamiento transversal de la educación en materia de comunicación". In UNED: Medios de Comunicación y Educación. Córdoba: Centro Asociado, pp. 129-144.
- Blanchet, René (1995). "L'Éducation aux médias dans l'académie de Montpellier. In "l'École et les Médias – pour une éducation à la citoyenneté". Paris: Coédition Clémi et Médiaspouvoirs.
- Bréda, Isabelle (1998). "50 mots-clés pour travailler avec les médias". Paris: Clemi.
- Chevez, Odile (1995). "Faire son journal au lycée et au collège ». Cahors : Éditions du CFPJ.
- Clemi – Groupe de Réflexion (1991). « L'expression Lycéenne – Livre blanc des journaux lycéens ». Paris : Hachette Education.
- Fonseca, António M. (2001). "Educar para a Cidadania". Porto: Porto Editora.
- Freinet, C. (1976). "As técnicas da Escola Moderna". Lisboa: Editorial Estampa.
- Freinet, C. (1993). "O Jornal Escolar". Lisboa : Editorial Estampa.
- Frémont, P. et al. (Coord.) (1994). « L'École et les Médias – Pour une éducation à la citoyenneté ». Paris : Clemi.
- Giolitto, Pierre (Coord.) (2000). "Como Ensinar a Educação Cívica na Escola". Lisboa: Didáctica Editora.
- Gonnet, J. (2001). « Éducation aux médias – Les controverses fécondes ». Paris : Hachette.
- Gonnet, J. (1995). « De l'Actualité à l'école – pour des ateliers de démocratie ». Paris : Armand Colin Éditeur.
- Gonnet, J. (1988). « Journaux Scolaires et Lycéens". Paris: Editions Retz.
- Gonnet, J. (1987). "El Periódico en la Escuela – creacion y utilizacion". Madrid: Narcea.
- Guillamet, Jaume (1988) "Conocer la prensa – Introducción a su uso en la escuela". Barcelona: Gustavo Gili, S.A.
- Herr, N. (1988). « J'apprends à lire avec le journal ». Paris: Editions Retz.
- Korkzac, J. (1988). « La Gazette Scolaire ». Paris : Clemi.
- Lopes de Oliveira, A. (1996). « Imprensa Vianense». Viana do Castelo : Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- Lousada, Armindo (2004). "O papel dos media". In "O Professor", nº 84 de Janeiro/Fevereiro.
- Moniz dos Santos, Maria E. (2005). "Que Cidadania? Que Educação? Para que Cidadania? Com que Escola?", Tomo II. Lisboa: Santos – Edu.
- Novell, Francisco G. (1992). "Inventar el Periódico – Propuestas para trabajar la prensa en la escuela". Madrid: Ediciones de la Torre.
- Nóvoa, António; Dir. (1993) "A Imprensa de Educação e Ensino"; Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Nóvoa, António (2005) "Evidentemente – Histórias da Educação"; Porto: Edições ASA.
- Osborn, Patrícia (1997). "School Newspaper Adviser's – Survival Guide". San Francisco: Jossey-Ban.
- Pinho, Victor; Coord. (1992). "A Imprensa Barcelense – Catálogo da exposição". Barcelos: Câmara Municipal.
- Pinto, Manuel (1991). "A Imprensa na Escola". Lisboa: Público.

- Projecto Público na Escola [On-line].
<URL: <http://www.publico.clix.pt/homepage/projectos/pubnaesc> [Acesso em 2006-12-19]
- Reboul, Olivier (1982). “O que é aprender?”. Coimbra: Livraria Almedina.
- Roche, Georges (2000). “Quelle école pour quelle citoyenneté?”. Issy-les-Moulineaux: ESF editeur.
- Roudy, Pierre (1996). “L'école et la presse. À l'école de l'apresse. La presse à l'école”. Paris: Ellipses.
- Santos, A. et al. (1992). “O Jornal escolar”. Porto: Projecto Minerva/Instituto Politécnico do Porto.
- Santos, A. & Pinto, M. (1992). “O Jornal Escolar – Porquê e como fazê-lo”. Rio Tinto: Edições ASA.
- Vieira, A. & Fonseca, T. (1996). “Jornais Escolares : Quantos somos..., Quem somos... e Como Somos...”. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.